

UMA EXPOSIÇÃO DE MARCOS 1:1-11 A PARTIR DO MÉTODO DE LEITURA PRAGMÁTICA DE ULRICH BERGES

Jeová Rodrigues dos Santos¹

RESUMO

O propósito deste artigo é interpretar uma perícopé do evangelho de Marcos 1.1-11 na perspectiva do Método de Leitura Pragmática de Ulrich Berges. Este instrumento utiliza recursos de outros métodos de interpretação da Bíblia, tais como, a crítica textual e a análise narrativa, com a finalidade de melhor compreender o texto da Escritura a fim de contextualizá-lo para nossa época. Num primeiro momento, apresentar-se-á um breve histórico acerca do Método da Leitura Pragmática: a fundamentação teórica, os objetivos, a proposta, as etapas de desenvolvimento e as vantagens do método. Após estes esclarecimentos, proceder-se-á à análise sintático-gramatical, semântica e pragmática do texto de Marcos 1.1-11. Finalmente serão avaliadas as contribuições que o Método de Leitura Pragmática traz para a área da interpretação bíblica.

PALAVRAS-CHAVE: Método. Leitura Pragmática. Interpretação. Evangelho. Marcos.

ABSTRACT

The purpose of this article is to interpret an excerpt from the gospel of Mark 1.1-11 in the perspective of the Method Pragmatic Reading's Ulrich Berges. This instrument uses resources of other methods of interpretation of the Bible, such as, the textual criticism and the narrative analysis, with the purpose of better comprise the text of the Writing to end of contextualize it for our period. In a first moment, will present a brief historical about the Method of the Pragmatic Reading: to theoretical foundation, the aims, the proposal, the stages of development and the advantages of the method. After these explanations, will proceed to the syntactic grammar analysis, semantic and pragmatic of the text of Mark 1.1-11. Finally, they will be evaluated the contributions that the Method of Pragmatic Reading brings for the area of the biblical interpretation.

KEYWORDS: Method. Pragmatic Reading. Interpretation. Gospel. Mark.

¹ Teólogo. Pedagogo. Psicopedagogo. Mestre em Teologia. Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Pós-Doutorado em Direito pela Universidad Del Museo Social Argentino - UMSA Buenos Aires. Professor Titular de Bíblia, Exegese e Teologia na Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB. E-mail: prof.jeova@fasseb.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas informações preliminares sobre o método de interpretação bíblica conhecido como Leitura Pragmática da Bíblia e mostrar, na prática, a possibilidade de utilização desse método para compreensão e contextualização de um texto bíblico.

A fim de alcançar esse propósito iniciaremos com um breve relato histórico do processo de sistematização da metodologia de interpretação bíblica no contexto da Igreja Cristã desde suas origens até o surgimento de novas metodologias de leitura bíblica a partir da década de 1960, e em particular nos anos 1980, do século XX.

É nesse contexto de final do século XX que surge uma nova proposta de interpretação, a Leitura Pragmática da Bíblia, tendo Ulrich Berges como um de seus principais expoentes. Esse “novo” instrumento de leitura bíblica utiliza recursos de outros métodos interpretativos, tais como, o método histórico-crítico e a análise da narrativa, objetivando uma melhor compreensão do texto sagrado a fim de atualizar sua mensagem para o nosso tempo.

A seguir, procuraremos aplicar os pressupostos exarados no Método de Leitura Pragmática a partir das considerações de Ulrich Berges, a uma perícopes do Novo Testamento com o intuito de averiguar a plausibilidade, ou não, da aplicação desse método para a interpretação bíblica. Para isso, procedemos à análise sintático-gramatical, semântica e pragmática do texto de Marcos 1.1-11 de acordo com o modelo interpretativo do Método de Leitura Pragmática da Bíblia apresentado por Berges (1991;1993).

Uma vez concluída a análise da perícopes de Marcos de acordo com o referido método, apresentaremos, a título de considerações finais, uma avaliação crítica apontando as contribuições e os limites do Método de Leitura Pragmática da Bíblia para a área da interpretação bíblica em geral.

1 O MÉTODO DE LEITURA PRAGMÁTICA DA BÍBLIA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Uma vez que as Sagradas Escrituras se constituem fundamento sólido a partir do qual todo labor teológico deve ser levado a cabo², a preocupação primordial de um teólogo deveria ser a busca incessante por uma compreensão e interpretação honesta do texto sagrado. Para isso, faz-se necessário reconhecer que existe uma multiplicidade de métodos de interpretação bíblica que foram paulatinamente sistematizados no decorrer da história do Cristianismo e que podem ser úteis para trazer maior clareza em relação ao real significado de um texto da Bíblia.

Exemplos de avanços históricos no campo da interpretação bíblica cristã podem ser verificados desde a patrística, com ênfase numa leitura alegórica ou literal das Escrituras, passando pela Idade Moderna, onde ocorreu o fenômeno da sistematização do Método Histórico-Crítico³, denominado método diacrônico, até meados do século XX, que testemunharam o florescimento de novas perspectivas metodológicas de interpretação bíblica que assumiram como premissa básica a necessidade de analisar o texto bíblico a partir da forma final na qual o mesmo se encontrava. O surgimento do Método de Análise Estrutural ou Semiótica na década de 60 e do Método de Análise da Narrativa que se desenvolveu na década de 80, exemplificam essa nova perspectiva de interpretação sincrônica da Bíblia (JIMÉNEZ ROMERO, 2016).

A proposta de uma nova metodologia de interpretação bíblica, com um viés pragmático linguístico (PAZ, 1997, p. 81-100) surgiu na década de 80, a partir da percepção que exegetas católicos, europeus e latino-americanos, tiveram de que não existem métodos de interpretação bíblica que possam ser considerados exaustivos, que sejam capazes de esgotar todas as possibilidades interpretativas de

² Essa é a premissa básica que o autor deste artigo assume no que diz respeito ao lugar das Escrituras no processo de elaboração de um discurso teológico.

³ Jiménez Romero ignora, não sei se propositalmente, ou não, o surgimento do Método Histórico-Gramatical como consequência da Reforma Protestante no século XVI. Tal método antecedeu em cerca de dois séculos o Método Histórico-Crítico. A mesma postura de silenciamento em relação ao Método Histórico-Gramatical assume Ulrich Berges quando propõe uma leitura pragmática da Bíblia. Daí o fato de que, enquanto menciono a história do desenvolvimento da exegese e as muitas possibilidades interpretativas de um texto bíblico na perspectiva destes autores não faço alusão ao Método Histórico-Gramatical.

um texto sagrado. Ao contrário, tais exegetas perceberam que cada método poderia contribuir de alguma maneira para uma melhor compreensão das Escrituras.

Ulrich Berges⁴, teólogo católico europeu e exegeta do Antigo Testamento, foi um dos pioneiros na sistematização desse novo método de interpretação bíblica, denominado Leitura Pragmática da Bíblia. Segundo Berges (1991, p. 368-369), entre as várias formas de se fazer exegese, há uma tendência de se aplicar o método Histórico-Crítico, também conhecido como leitura diacrônica, que tem como prioridade investigar as etapas da formação de um texto em seu contexto original.

Para Berges (p. 1993, p. 67-68), o Método Histórico-Crítico comumente utilizado na reflexão católica romana contemporânea, apesar das contribuições que oferece no sentido de possibilitar a busca pelo sentido literal ou histórico de um texto, sofreu forte influência da ciência histórica alemã.

Frente a esta exigência do positivismo histórico [alemão] a maioria dos resultados da exegese histórico-crítica resultam no que são na verdade: boas e inteligentes intuições. A escassez de resultados irrefutáveis na exegese não depende de uma insuficiente preparação ou de uma falta de inteligência por parte dos investigadores, mas depende do mesmo objeto alvo da investigação. A escritura bíblica (como qualquer outro escrito antigo) exige mais que uma investigação histórica, reclama um esforço hermenêutico (BERGES, 1993, p. 68-69 – tradução própria).

Berges (1993) afirma também que, em reação a uma leitura puramente historicista da bíblia, surgiram outras possibilidades de interpretação que priorizaram uma análise da narrativa textual, também conhecida como leitura sincrônica do texto em sua forma atual, fazendo uso de instrumentos da ciência literária. Nesse caso, o processo de formação histórica do texto foi relegado a segundo plano ou foi totalmente ignorado.

Diante desses extremos o autor afirma que se “por um lado a exegese científica não pode limitar-se a investigar exclusivamente o desenvolvimento lento e

⁴ Ulrich Berges, Doutor em Teologia, nasceu em 1958, estudou Teologia Católica e Ciências Bíblicas em Salzburgo, Roma e Jerusalém. Após obter seu doutorado em 1988, exerceu a docência em Lima (Peru) de 1989 a 1994. Depois de obter sua habilitação para a titularidade de cátedra universitária em 1998 com um trabalho sobre o livro de Isaías, foi professor titular nas universidades de Nimega e de Münster. Desde 2009 é titular da cátedra de Antigo Testamento na Universidade de Bonn (<http://www.verbodivino.es/autor/44891/ulrich-berges> - tradução própria).

progressivo dos textos bíblicos (análise diacrônica), por outro lado, tão pouco pode dar-se por satisfeita com uma leitura puramente sincrônica” (BERGES, 1993, p. 70 – tradução própria).

Mesmo reconhecendo a legitimidade e as contribuições que o Método Histórico-Crítico e a Análise das Narrativas trazem à exegese bíblica, Berges propõe uma “nova” metodologia denominada Leitura Pragmática, que faz uso da leitura diacrônica e sincrônica, com a finalidade de estabelecer uma nova hermenêutica bíblica com ênfase no chamado à *práxis*.

Berges (1993, p. 82) defende que a Leitura Pragmática, diferente dos métodos acima mencionados que assumem posturas excludentes, tem como fundamento o fato de que, quem escreve algo, escreve para alguém, com o intuito de produzir algum tipo de efeito, ou seja, o emissor, o receptor e a mensagem do texto devem ser levados em consideração no trabalho de interpretação das Escrituras Sagradas. Segundo ele:

[...]. Os textos não nascem em um vazio, mas num contexto de comunicação entre emissor e receptor. Palavras faladas ou escritas não são neutras em seu contexto social, mas apresentam instrumentos poderosos na construção ou desconstrução de uma sociedade. [...] Segundo a visão da pragmática, o emissor e o receptor encontram-se “fossilizados” para sempre no texto. Ninguém desaparece enquanto o texto existir (BERGES, 1993, p. 83 – tradução própria).

Todavia, continua Berges (1991, p. 368 – tradução própria), “cada texto [...] possui sua pragmática (do grego ‘ação’), ou seja, tem sua finalidade concreta e definida. A Leitura Pragmática busca averiguar e apontar esta finalidade do texto”, a fim de contextualizá-la à contemporaneidade. Desse modo, insiste Berges (1991, p. 369 – tradução própria): “a leitura pragmática permite relacionar responsabilmente o estudo bíblico com as expectativas pastorais”, ou seja, esta metodologia possibilita ao exegeta aplicar de forma prática o texto analisado ao contexto no qual ele está inserido.

Berges (1991, p. 370-371) afirma ainda, que na aplicação deste método é necessário levar em consideração três dimensões⁵ importantes: a análise sintático-gramatical, a análise semântica e a análise pragmática do texto bíblico.

Na análise sintático-gramatical o intérprete deve esforçar-se para avaliar o texto em todos os seus detalhes gramaticais, dando particular atenção à relação entre os vários elementos textuais, a construção gramatical do mesmo, tempos verbais, repetições de palavras, mudança de lugar ou tempo etc.

A análise semântica tem como finalidade trazer à luz o significado contido no texto a ser analisado. Nesse particular, procura-se extrair o significado das palavras, e do texto, dentro do contexto maior em que o autor se encontra inserido e de seus respectivos destinatários.

A análise pragmática, por fim, leva a questionar as possibilidades e limites de apreensão de um texto em uma situação específica, ou seja, conduz o intérprete, do texto antigo em direção à necessidade atual. É a aplicação prática da verdade extraída a partir da análise realizada.

Ainda que Berges proponha estas três dimensões como elementos estruturantes da exegese na perspectiva da Leitura Pragmática (a análise sintático-gramatical, a análise semântica e a análise pragmática), ele deixa claro que há necessidade de se conhecer o contexto histórico social do texto, a relação do autor com seus leitores no tempo em que o texto foi escrito, antes de se aplicar o Método de Leitura Pragmática. Esse método busca, dentre outras coisas, obter respostas a perguntas como: em que ambiente [o texto] foi escrito? O que pode estar na raiz do texto? dentre outras (BERGES, 1991, p. 369).

Além de descrever a estrutura do Método de Leitura Pragmática, Berges (1993, p. 89-90) apresenta também algumas vantagens do uso deste método. Entre as vantagens listadas por ele pode-se mencionar a inclusão de outros métodos na Leitura Pragmática, tais como: a Crítica da Forma, a Crítica da Redação, e o Estruturalismo; a manutenção do texto bíblico em seu contexto vital; a seriedade

⁵ O aspecto tridimensional descrito por Berges e que serve de estrutura para análise de texto na perspectiva do Método de Leitura Pragmática da Bíblia é também referenciado e utilizado por Lentzen-Deis (1998, p. 10-12) no seu “Comentario al evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización”, primeiro comentário bíblico a ser escrito a partir deste instrumento interpretativo.

com que este método trata a historicidade dos textos bíblicos; e, a possibilidade de abertura e colaboração da exegese bíblica com a patrística, a literatura rabínica, a história da igreja, a pastoral etc. Além disso, este método fecha, segundo Berges, a brecha existente entre a exegese científica e a pastoral da igreja.

2 ANÁLISE DA PERÍCOPE DE MARCOS 1.1-11 PELO MÉTODO DE LEITURA PRAGMÁTICA DE ULRICH BERGES

Tomando como referência Berges (1991; 1993), procederemos, a seguir, com a aplicação do Método de Leitura Pragmática da Bíblia a partir da tríplice estrutura esboçada por ele, qual seja, a análise sintático-gramatical, a análise semântica e a análise pragmática, tendo como objeto de análise a perícopa de Marcos 1.1-11.

Antes disso, porém, seguindo os passos do próprio Berges (1991, p. 371-372) em sua análise de 1 Samuel 12 onde ele começa sua interpretação a partir da exposição do contexto histórico do livro, apresentaremos o *sitz im leben*⁶ da referida perícopa.

2.1 MARCOS 1.1-11 EM SEU CONTEXTO

Para uma melhor compreensão da mensagem de Marcos é necessário fazer uma breve exposição da análise contextual⁷ (autoria, data da escrita, destinatário e propósito) deste livro. Vários eruditos do Novo Testamento opinam ter sido Marcos, um discípulo de Pedro, o autor deste Evangelho. A tradição eclesial antiga parece apoiar essa idéia. Carson, Moo e Morris citam o testemunho de Pápias,

⁶ Expressão alemã utilizada na exegese de textos bíblicos. Traduz-se comumente por “contexto vital”.

⁷ A Leitura Pragmática da Bíblia, ainda que não estabeleça claramente esse critério em seu tríplice eixo de interpretação (análise sintático-gramatical, análise semântica e análise pragmática) não prescinde a análise do contexto histórico. Um bom exemplo disso encontra-se no primeiro Comentário Bíblico a partir do Método de Leitura Pragmática da Bíblia “Comentario al evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización” (1998) de Fritzeo Lentzen-Deis, um dos pioneiros no uso desse método de interpretação bíblica. Nas páginas 19 a 23 constam a seção: ‘Breve introducción al Evangelio de Marcos’ onde o autor apresenta uma análise contextual do evangelho.

bispo de Hierápolis na Frígia, Ásia Menor, conforme registrado na História Eclesiástica de Eusébio para fortalecer essa ideia:

E o presbítero costumava dizer isto: Marcos tornou-se intérprete de Pedro e escreveu com exatidão tudo aquilo de que se lembrava, é verdade que não em ordem, das coisas ditas e feitas pelo Senhor. Pois ele não tinha ouvido o Senhor nem havia o seguido, mas mais tarde, de acordo com o que eu disse, seguiu a Pedro que costumava ministrar ensino conforme se tornava necessário, mas não organizando por assim dizer os ensinamentos do Senhor, de sorte que Marcos nada fez de errado ao pôr por escrito fatos isolados à medida que se lembrava deles. De uma coisa cuidou: não deixar de fora nada do que ouvira e não fazer nenhuma afirmação falsa (CARSON; MOO; MORRIS, 1992, p.103).

Schiewind (1989, p. 22) afirma que Pápias, ao referir-se às palavras do “presbítero”, possivelmente estivesse fazendo alusão ao apóstolo João, e menciona ainda o testemunho de outros Pais da Igreja: Irineu (180 d.C), Tertuliano (200 d. C), Clemente de Alexandria (c. 200 d.C) e Orígenes (Início do séc. III), que também testemunharam a dependência de Marcos em relação ao apóstolo Pedro.

Quanto ao destinatário, Champlin (1979, p. 658) afirma que a atitude de Marcos ao explicar alguns costumes judaicos, ritos de purificação etc., evidencia o fato de que seu Evangelho não visa primariamente leitores judeus, e sim, a comunidade gentílica, no que também concorda Gundry (2008, p. 177-178).

Ao livro de Marcos, tem sido atribuído datas de quatro diferentes décadas (40, 50, 60, e 70 d.C) para sua escrita. Alguns estudiosos assumem que, se se aceita o fenômeno da profecia preditiva como possibilidade real nas Escrituras, não existem razões convincentes para se negar uma data antiga entre os anos 45-60 d.C para a escrita do Evangelho de Marcos (GUNDRY, 2008, p. 171).

Segundo Carson, Moo e Morris (1992, p. 109-111), atualmente grande parte dos estudiosos do Novo Testamento, fundamentados nas tradições antigas e em evidências internas do livro, atribuem à escrita do livro de Marcos uma data na década de 60 (65-69) d.C. Eles afirmam ainda que os defensores das décadas de 50 e 70 apresentam argumentos interessantes, que, todavia, não se mostram de todo convincentes.

De acordo com Paroschi (1996, p. 210-211), uma opinião relativamente recente é a afirmação de que o livro de Marcos tenha sido escrito na década de 40 d.C. Seu principal defensor é o padre jesuíta José O'Callaghan, papirologista mundialmente conhecido. Baseado em fragmentos encontrados na caverna 7 em Qumram, no ano de 1947, e identificados por O'Callaghan como partes do livro de Marcos, ele chegou à conclusão que esse livro provavelmente tenha sido escrito por volta do ano 50 d.C. O fragmento de papiro encontrado em Qumram (Papiro 7Q5), contendo porções do escrito de Marcos (Mc 6.52-53), seria o mais antigo fragmento de um texto do Novo Testamento.

Carson, Moo e Morris (1992, p. 109) afirmam que a maioria dos estudiosos do Novo Testamento tem contestado a identificação deste documento. Todavia, Paroschi (1996, p. 212) relata que nos dias 18 a 20 de outubro de 1991 foi realizado, na Universidade de Eichstaett, Alemanha, um congresso visando exclusivamente tratar da identificação deste documento, e a evidência do Papiro 7Q5 foi oficializada nesse evento. Em 22 de maio do ano seguinte, os fragmentos de 7Q5 foram expostos a técnicas especiais em Israel para comprovar sua autenticidade, e após esses exames foi confirmada definitivamente sua identificação, e conseqüentemente, a tese de O'Callaghan voltou à tona novamente.

Champlin e Bentes (1989, p. 128) trouxeram o seguinte comentário sobre esse assunto e suas muitas controvérsias:

Seja como for, se essa descoberta é genuína, então aponta para data relativamente anterior, pelo menos alguns anos antes de 50, mas nada de revolucionário há nisso, exceto que mostra que os pontos de vista liberais, que querem datar o Evangelho de Marcos algumas décadas mais tarde ficariam demonstradas como falsas.

É possível que a discussão sobre a verdadeira data de escrita do Evangelho de Marcos se estenda ainda por vários anos, contudo, se a tese originalmente defendida por O'Callaghan puder sustentar-se de pé, e tudo indica que ela é verdadeira, os eruditos do Novo Testamento fariam bem se encarassem a possibilidade de uma revisão das datas até o momento tidas como certas, e defendidas principalmente por teólogos liberais.

A escolha da perícopos de Marcos 1.1-11 para a presente análise está diretamente relacionada com a proposta do autor deste Evangelho, que é apresentar as boas novas acerca de Jesus Cristo sintetizadas nas seguintes palavras: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”.

De acordo com Delorme (1982, p. 17), esta é a primeira frase, e não o título do livro de Marcos. O que Marcos descreve é o Evangelho, não um livro, mas a boa nova pregada e acolhida pelos cristãos, boa nova acerca de Jesus, Cristo e Filho de Deus.

Kertelge (2004, p. 196-197) pontua que as primeiras comunidades cristãs entendiam o termo evangelho como sendo a pregação oral acerca de Jesus. Paulo é um bom exemplo disso. Ele denomina evangelho, tanto a pregação missionária quanto a sua própria exposição de Jesus crucificado e ressuscitado:

Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes. Por isso estou disposto a pregar o evangelho também a vocês que estão em Roma. Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego. Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: O justo viverá pela fé (Rm 1.14-17).

Nota-se a partir da referência que Marcos faz em 1.1, o processo de transição do evangelho oral pregado para a forma escrita. Kertelge (2004) afirma que o autor de Marcos deixa transparecer a diferença de significado de evangelho em dois momentos específicos. No primeiro, Marcos 1.1, o evangelista aponta para o “princípio do Evangelho” referindo-se à narração do aparecimento de João Batista (cf. 1.2-8); o segundo momento encontra-se no capítulo 1.14s, onde o próprio Jesus entra em cena e proclama o evangelho. De fato, assevera Kertelge (2004, p. 197):

No evangelho de Marcos Jesus mesmo se faz presente como conteúdo específico do Evangelho. Marcos tira, portanto, o termo evangelho da linguagem missionária do cristianismo primitivo. Mas ele amplia, de um modo novo e desusado, o conteúdo do Evangelho, descrevendo o caminho do Jesus terreno desde o batismo por João, passando pela atividade na Galileia, para terminar com a paixão, morte na cruz e ressurreição em Jerusalém.

Os versículos 1 a 11, que serão os objetos desta análise, descrevem uma série de eventos importantes como se seguem: a proposta do autor, o anúncio e aparecimento de João Batista e a transição do ministério de João para o ministério de Jesus. O evangelista registra claramente a consciência de João Batista acerca de sua missão, seu testemunho acerca de Jesus, e a superioridade do ministério deste em comparação ao seu próprio ministério.

2.2 ANÁLISE SINTÁTICO-GRAMATICAL DE MARCOS 1.1-11

A análise sintático-gramatical tem como finalidade, a partir do Novo Testamento Grego (FRIBERG: FRIBERG, 1987, p. 106-107), destacar e sublinhar alguns verbos e expressões que aparecem em Marcos 1.1-11, e, a partir destes, demonstrar a consciência que João possuía acerca da fugacidade de sua missão, e da manifestação iminente do messias que deveria assumir imediatamente a direção da história da salvação a partir do evento do batismo deste personagem.

O texto a ser analisado traz a seguinte redação:

Princípio do **evangelho** de Jesus Cristo, Filho de Deus. Conforme **está escrito** na profecia de Isaías: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho; voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas; **apareceu** João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados. Saíam a ter com ele toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. As vestes de João eram feitas de pêlos de camelo; ele trazia um cinto de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. E **pregava** dizendo: Após mim **vem** aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar as correias das sandálias. Eu **vos tenho batizado** com água; ele, porém, **vos batizará** com o Espírito Santo. E **aconteceu** naqueles dias, **veio** Jesus de Nazaré da Galiléia e por João **foi batizado** no rio Jordão. Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo (MARCOS 1.1-11, ARA, 1993, grifos do autor).

O primeiro termo a ser analisado é o substantivo genitivo neutro singular: *εὐαγγελίου* (*euangelíou*) “evangelho ou boa nova”, que se encontra no versículo 1. Segundo Mulholland (1999, p. 27), este termo grego tinha um tom alegre. *Euangelion*⁸ estava relacionado à proclamação de um comunicado político ou de vitória militar que traria benefícios para várias pessoas. Sob esta perspectiva, acrescenta ele, o evangelho anuncia um evento histórico que trará resultados benéficos para toda a humanidade.

O versículo 2 começa com um verbo no imperfeito ind. passivo: *γέγραπται* (*gégraptai*) “está escrito”, que, segundo Rienecker e Rogers (1985, p. 66), refere-se ao caráter regulador e autorizado do documento.

O versículo 4 traz um verbo no 2º aoristo do indicativo: *ἐγένετο* (*egéneto*) “apareceu”. Rienecker e Rogers (1985, p. 66) afirmam que a ênfase deste verbo recai sobre o aparecimento de João de acordo com o propósito divino.

No versículo 7, o autor de Marcos inicia seu relato com um verbo no imperfeito ativo: *ἐκήρυσσεν* (*ekêrussen*) “pregava”. De acordo com Schalkwijk (1979, p. 60), o verbo no imperfeito aponta para a ideia de uma ação linear no passado.

Outro verbo importante no versículo 7, encontra-se no presente do indicativo médio, e é: *ἔρχεται* (*érchetai*) “vem”. Segundo Rienecker e Rogers (1985, p. 66), este verbo no presente do indicativo médio apresenta um tom de imediatismo: vem imediatamente.

No versículo 8 o autor de Marcos utiliza outro verbo no 1º aoristo do indicativo ativo, *ἐβάπτισα* (*ebáptisa*) “vos tenho batizado”. Segundo Taylor (1986, p. 309-310), o aoristo “não afirma ou nega o progresso ou completção da ação verbal, apenas afirma seu acontecimento”. Todavia, continua ele, o aoristo indicativo acrescenta a idéia de acontecimento em tempo passado. Rienecker e Rogers (1985, p. 66), analisando o verbo *ἐβάπτισα* (*ebáptisa*) neste contexto específico, afirmam que o

⁸ A forma lexical da palavra.

oristo representa a carreira de João como já cumprida tendo em vista a vinda do Messias.

ἐβάπτισα, (*ebáptisa*) vos tenho batizado, é confrontado com um verbo no futuro do indicativo ativo: *βαπτίσει* (*baptísei*) vos batizará. Segundo Lasor (1986, p. 35), o indicativo é, primeiramente, o modo em que afirmações ou negações são feitas. Estes verbos focalizam o contraste entre a fugacidade do ministério de João Batista e a permanência do ministério de Jesus Cristo.

No versículo 9 os verbos utilizados estão no 2º oristo do indicativo: *ἐγένετο* (*egéneto*) “aconteceu”, no 2º oristo indicativo ativo: *ἦλθεν* (*élthen*) “veio” e no 1º oristo indicativo passivo: *ἐβαπτίσθη* (*ebaptisthê*) “foi batizado”. Schalkwijk (1979, p. 72), ao explicar a diferença entre oristo ativo e médio, e, segundo oristo, diz que: “oristo sempre é oristo mesmo, significando ação pontiliar no passado, independente da forma”. Como já mencionamos na observação relacionada ao versículo 4, Rienecker e Rogers (1985, p. 66) insistem que o verbo *ἐγένετο* (*egéneto*) fala de um acontecimento inédito: Jesus manifestou-se como substituto legal dos seres humanos. Seu aparecimento em um cenário e em um momento histórico específico cumpre com o propósito divino.

2.3 ANÁLISE SEMÂNTICA DE MARCOS 1.1-11

Marcos tem uma maneira toda especial de apresentar as boas novas a respeito de Jesus. Mateus começa o seu relato com a linhagem e o nascimento do Messias, Lucas com o nascimento de João Batista, e João com o *logos*⁹ antes da encarnação. Marcos, todavia, tem um ponto de partida, um princípio diferente. Ele começa sua narrativa com o ministério de João Batista.

Como Marcos depende das reminiscências de Pedro, e Pedro não se associou a Jesus antes de este iniciar seu ministério, o evangelho de Marcos principia seu relato na fase inicial desse ministério. “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” é uma referência à apresentação de Jesus feita por João Batista no cenário público e

⁹ Grego *logoj*: “verbo, palavra”.

identifica Jesus como Filho de Deus e também como o Cristo (GUNDRY, 2008, p. 181).

De acordo com Ladd, para compreender o sentido da missão de João é necessário compreender o contexto histórico de sua época. Ele afirma que durante séculos a voz profética mantivera-se silenciosa, ou seja, por muito tempo Deus deixou de falar ao povo de Israel fazendo uso de instrumentos humanos para declarar-lhes sua vontade, revelar-lhes a razão de seu sofrimento, condenar seus pecados e chamá-los ao arrependimento. Diante desse quadro, este autor assevera que:

Em lugar da voz viva da profecia, houve duas correntes de vida religiosa, ambas derivadas de uma mesma fonte comum: a religião dos escribas, os quais interpretavam a vontade de Deus estritamente em termos de obediência à lei escrita interpretada pelos escribas, e os apocalípticos, os quais, em acréscimo à Lei, incorporaram suas esperanças de uma salvação futura nos escritos apocalípticos usualmente colocados num modelo pseudepigráfico. [...] os movimentos dos quais temos informações foram mais rebeliões políticas militares contra Roma, e não foram poucas essas rebeliões. Suscitar um levante contra Roma significava tomar uma posição em favor do Reino de Deus. [...] O significado histórico do inesperado aparecimento de João será apreciado levando-se em conta este fundo histórico. Repentinamente, a um povo, que estava gemendo sob o domínio de uma nação pagã, a qual havia usurpado a prerrogativa que pertencia apenas a Deus, que estava aguardando ansiosamente pela vinda do Reino de Deus e que sentia que Deus havia ficado silencioso, apareceu um novo profeta (LADD, 1997, p. 33-34).

Marcos registra a conclusão da obra de João Batista como aquele que preparou o cenário para a manifestação plena das boas novas acerca de Jesus Cristo. Esta manifestação plena do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus ocorre, segundo Mulholland (1999), de duas maneiras: são as boas novas sobre Jesus, e respectivamente, boas novas de Jesus. O evangelho, afirma ele, “[...] apresenta Jesus e é ele mesmo quem proclama o evangelho. A essência da mensagem que prega é ele mesmo” (MULHOLLAND, 1999, p. 28), são as boas novas sobre Jesus, e ao mesmo tempo, as boas novas que vêm dele. A essência da mensagem que Jesus prega é ele mesmo.

A forma hebraica do nome Jesus é Josué que significa: o Senhor é a salvação. Este nome era utilizado em Israel desde a época de Josué, servo de Moisés. A designação grega “Cristo” que significa “Ungido”, originou-se do hebraico “Messias” termo usado para referir-se à esperança de Israel em relação a um futuro libertador. Mulholland (1999, p. 28) menciona que:

No princípio de seu Evangelho, Marcos une os dois termos Jesus Cristo. Tendo declarado que Jesus é o Cristo, o Messias prometido por Deus por intermédio dos antigos profetas, o autor usa a palavra Cristo somente algumas vezes (8.29; 9.42; 12.35; 13.21; 14.61; 15.32) provavelmente para minimizar falsas expectativas ligadas ao Messias naquela época. A última afirmação no título do Evangelho de Marcos fecha a porta à possibilidade de Jesus ser visto como apenas um homem entre outros. O evangelho origina-se em Deus (1.14); e da mesma forma Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus. Isso é afirmado muitas vezes, de modo a sublinhar sua importância. Jesus é chamado o Filho de Deus pelo próprio Deus (no princípio 1.11, e perto do meio do livro, 15.39). A organização desse evangelho gira em torno das referências a Jesus como o Filho de Deus.

Após as palavras iniciais acerca de Jesus, Marcos lança as bases sobre as quais estão fundamentados os ministérios de João Batista e de do próprio Jesus. Ao utilizar a fórmula *γέγραπται*, (*gégraptai*) “está escrito”, ele procura documentar e revestir de autoridade o ministério de João à luz das Sagradas Escrituras. Robertson (1988, p. 263) afirma que Marcos combinou citações de diferentes profetas (cf. Mt 3:1 e Is 40:3), o que era comum em sua época, e que citou Isaías por ser ele o principal dos profetas. Robertson (1988) assevera também que esta é a única vez em que Marcos faz uma citação profética em seu relato.

[...] o cumprimento das profecias registradas em Malaquias 3.1 e Isaías 40.3, ou como a junção, no último livro profético, das profecias que diziam que a vinda de Deus seria precedida pela vinda do seu mensageiro e pela proclamação da voz do que clama no deserto. [...] eram vistas como algo que havia se cumprido com o surgimento de João, apelidado batista [...] (MARSHALL, 2007, p. 54).

O próximo passo de Marcos é mostrar o aparecimento de João de modo súbito, como sinalização de um novo tempo. João *ἐγένετο*, (*egéneto*) apareceu, de acordo com o propósito divino. Sua vinda estava em harmonia com a mensagem dos profetas. João é descrito como um pregador do deserto que proclamava o

batismo de arrependimento. O chamado de João ao arrependimento apontava para a necessidade de reconciliação com Deus a fim de que a separação causada pelo pecado pudesse ser superada. A mensagem de arrependimento pregada por ele significava uma mudança deliberada de atitudes que deveria culminar numa mudança de comportamento. A respeito da radicalidade dessa mudança, Mulholland (1999, p. 32) afirma:

Pessoas arrependidas não fogem da realidade de sua condição de pecadores, nem procuram desculpas para seus pecados. Elas confessam abertamente seu pecado a Deus (cf. Lc 18.13) e afirmam que desejam viver de acordo com a vontade de Deus. A genuína tristeza pelo pecado leva à conversão, a qual envolve uma completa mudança de rumo. [...]. Assim como a mensagem de João prepara o caminho para a salvação prometida, o perdão que ele prega prepara o caminho para o perdão completo, disponível exclusivamente por meio de Jesus Cristo. Ainda assim, não é o ritual do batismo que traz o perdão. O batismo é, na realidade, a expressão do arrependimento que resulta no perdão de pecados.

João chamou os judeus a mudarem seus pensamentos e abandonar seus pecados. Sua mensagem foi tão incisiva, que Marcos relata que multidões iam até João Batista para serem batizadas por ele. Lucas, outro evangelista, registra a poderosa influência que as palavras de João exerciam sobre o povo nas seguintes palavras: “Estando o povo na expectativa, e discorrendo todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo” (Lc 3.15).

Nesse contexto de grandes expectativas no cenário religioso da época, João *ἐκέρυσσεν*, (*ekêrussen*) pregava, a vinda iminente do Messias. Tal personagem era tão superior a ele que João se achava indigno de cumprir a missão mais servil, a de desatar as correias de suas sandálias. Morris faz o seguinte comentário sobre esta atitude de João Batista:

Os mestres palestinos não eram pagos, mas seus alunos demonstravam seu apreço com uma variedade de serviços. Um ditado rabínico (na sua forma presente, com data de c. de 250, mas provavelmente muito mais antigo) diz: Todo serviço que um escravo faz para seu senhor, o discípulo fará para seu professor, menos o desatar as correias das sandálias. João, porém, seleciona exatamente este dever, que os rabinos consideravam por demais menial para um discípulo, como aquilo para que o Batista era indigno. Esta é a humildade genuína (MORRIS, 1983, p. 93).

O tipo de batismo ministrado por João também era inferior àquele que seria ministrado pelo Messias vindouro. O vocábulo *ἐβάπτισα*, (*ebáptisa*), tenho batizado, com água contrasta com *βαπτίσει*, (*baptísei*) vos batizará (futuro), com o Espírito Santo. Ladd (1997) analisa a afirmação de João acerca do batismo que seria conferido pelo Messias e diz que a expectativa de um derramamento escatológico do Espírito está alicerçada amplamente no contexto veterotestamentário. Tal esperança de um derramamento do Espírito de Deus, afirma ele:

Será um elemento básico em efetivar a transformação da era messiânica, quando o Rei messiânico reinará em justiça e prosperidade, e a justiça e a paz irão prevalecer (Isaías 32:15). Ezequiel promete a ressurreição da nação quando Deus colocar seu espírito dentro de cada israelita a fim de conceder-lhes vida (Ezequiel 37:14). Então Deus dará um novo coração e um espírito novo por colocar neles o seu Espírito, capacitando-os a andar em obediência à vontade de Deus (Ezequiel 36:27). Uma promessa semelhante é reiterada em Joel (2:28-32). O grande e terrível Dia do Senhor será identificado através de um grande derramamento do Espírito e por sinais apocalípticos nos céus e na terra. João anuncia que essas promessas estão na iminência de seu cumprimento, não através de sua pessoa, mas através daquele que virá depois dele. O que há de vir batizará com o Espírito Santo. O grande derramamento messiânico do Espírito está para acontecer (LADD, 1997, p. 35-36).

Após o registro da descrição da grandeza do ministério do Messias feita por João Batista, Marcos menciona, a exemplo do aparecimento de João Batista (cf. 1:4), o aparecimento súbito de Jesus, como sinal da concretização do novo tempo vaticinado por João. Marcos introduz o Messias no cenário histórico de forma direta e incisiva: *ἐγένετο* (*egéneto*) aconteceu, *ἦλθεν* (*élthen*) veio, *ἐβαπτίσθη* (*ebaptisthê*) foi batizado. Jesus vai ao encontro de João e é por ele batizado de acordo com o propósito divino. Sua vinda estava em harmonia com a mensagem profética (cf. 1.2). De acordo com os profetas o mensageiro é enviado a fim de preparar o caminho do Senhor. Como João cumpriu sua missão, Jesus veio.

Os eventos subsequentes ao batismo de Jesus confirmam a chegada do novo tempo que João anunciou durante seu ministério. Como sinal de validação do ministério de Jesus, Marcos relata três eventos importantes: os céus rasgaram-se, o

Espírito desceu sobre Jesus e uma voz dos céus confirma ser ele realmente o Filho de Deus

Mulholland (1999) faz um importante comentário sobre o batismo de Jesus e os eventos que o acompanharam. Segundo ele, no batismo Jesus identifica-se com os pecadores, pois na condição de homem toma para si o julgamento de Deus em relação ao pecado, ou seja, aos pecados dos outros, haja vista que ele mesmo não tinha pecado algum. Pelo seu batismo, além de identificar-se com os pecadores, Jesus mostra solidariedade com a humanidade de outras maneiras conforme a história relata:

Quando Jesus sai da água, ele vê o céu abrir-se, e percebe que Deus constrói uma ponte sobre o abismo que separa terra e céu. [...] O princípio do Evangelho (1.1) remete-nos ao princípio da criação (Gn 1.1s), quando o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. O Espírito vem sobre Jesus, no princípio da nova criação, como uma pomba que desce, paira e pousa. Ele não somente paira sobre Jesus, mas vem para pousar permanentemente nele (cf. Is 11.2; 6.1 e Lc 4.18; Jo 1.32-34). [...] A simplicidade da narrativa de Marcos sobressai em marcante contraste com os majestosos eventos descritos. Uma voz dos céus diz: Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo. Deus, cuja voz tinha estado calada por séculos, fala a Jesus, seu Filho, em tom de intimidade familiar, no qual expressa sua completa e irrestrita aprovação. [...] Jesus experimenta as três coisas que, de acordo com a tradição judaica, poderiam sinalizar o surgimento do reino escatológico de Deus: os céus se abrem, o Espírito vem sobre ele, e uma voz do céu fala com ele. A ocorrência desses três eventos em seu batismo indica que o reino está próximo (cf. 1:14), com Jesus como seu inaugurador (MULHOLLAND, 1999, p. 34-36).

2.4 ANÁLISE PRAGMÁTICA DE MARCOS 1:1-11

A proposta desta etapa do trabalho é a de extrair algumas lições relevantes sobre a mensagem de Marcos para o contexto atual. Para isso necessário se faz rememorar, conforme a descrição que foi previamente elaborada, a concepção do real sentido de evangelho e de seu conteúdo, de acordo com os registros de Marcos, e o processo de transição do ministério de João Batista, o precursor, para o ministério de Jesus, anunciador e conteúdo das boas novas.

Marcos tem um propósito claro em seu relato: apresentar as boas novas a respeito de Jesus que é o Cristo, o Messias prometido, e o Filho de Deus. A primeira lição importante que se pode extrair do texto analisado, é a realidade de que as boas novas, no sentido de benefícios para a humanidade, principalmente no que diz respeito ao seu relacionamento com Deus, só podem ser usufruídas quando Jesus, Cristo e Filho de Deus, ocupa o centro das atenções e intenções.

Marcos apresenta Jesus não somente como o Cristo, o prometido que vem para representar o pecador diante de Deus – o batismo de Jesus é um modelo de substituição legal – mas faz questão de frisar a filiação deste com Deus o Pai. O registro do testemunho do Pai no momento em que Jesus é batizado por João, “este é meu filho amado” (cf. 1.11), tem, como propósito, confirmar a premissa estabelecida em 1.1, “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Jesus, na condição de substituto legal do pecador e, ao mesmo tempo, de filho amado de Deus, abre ao pecador as portas para a possibilidade de mudança de vida e um relacionamento íntimo e pessoal com o Pai.

Outra lição importante relaciona-se ao papel de autoridade que a Palavra de Deus deve desempenhar na vida e no ministério cristão. João Batista não inicia seu ministério movido por interesses financeiros ou por necessidade de reconhecimento social. Seu ministério está fundamentado na Palavra de Deus: “Conforme está escrito [...]” (Cf. 1.2). Ele tem convicção que seu ministério está centrado na vontade de Deus e reconhece que seu papel é o de precursor. Ele deveria apenas preparar o caminho para a manifestação do Messias.

A dificuldade de se reconhecer a Palavra de Deus como sendo autoridade na atualidade, parece ser um problema da presente geração. Sem essa autoridade, o ser humano entrega-se às suas próprias convicções e racionalizações pessoais e o fim disso é, na maioria dos casos, uma tragédia. Esquece-se que o ministério cristão tem como finalidade última preparar o caminho para que Jesus seja conhecido em toda a sua plenitude em cada geração. Fora da submissão à autoridade da Palavra de Deus, o cristocentrismo torna-se antropocentrismo.

Outra lição pode ser inferida a partir da consciência que João a respeito da fugacidade de seu ministério em contraste com a permanência do ministério de

Jesus é um grande exemplo a ser seguido. João reconheceu que o que viria após ele era infinitamente maior. João compreendeu que, uma vez que Jesus foi introduzido ao seu lugar de pertença, era necessário que ele saísse de cena.

Quando o cristão desvia sua atenção de Jesus, ele se torna insensível e passa a ter grande dificuldade para perceber quando sair de cena a fim de que Jesus possa brilhar. Ele perde a consciência de seu papel que é transitório, e se esquece que somente as boas novas a respeito de Jesus são prioritárias. Permanece mais tempo que o necessário no cenário e acaba comprometendo o conteúdo da mensagem das boas novas.

O tempo presente é um período de profundas crises existenciais e ministeriais (SANTOS, 2016, p. 29-48). Época em que pessoas estão ansiosas por ouvir a voz do Senhor eclodindo no deserto de suas próprias existências. Em tempos como esses, o Senhor levanta mensageiros, homens e mulheres, a exemplo de João, e envia essas pessoas ao mundo com o propósito de preparar o terreno, os corações daqueles que perambulam pelo mundo e estão sequiosos por beber a “água da vida”, a fim de que Jesus possa assumir o seu lugar de senhorio nessas vidas. Eis aí outra lição que a perícopes nos dá.

Somente estando sob a autoridade da Palavra de Deus e sendo sensível à voz do Espírito Santo, é que o cristão será capaz de perceber a necessidade do mundo ao seu redor, e de se colocar na presença do Senhor como instrumento que pode ser útil para glória de Deus.

Uma última lição poderia ser extraída a partir da atitude de humildade de João Batista, “não sou digno de desatar as correias de suas sandálias”. Essa postura deveria servir de modelo para todo aquele que deseja cumprir de modo eficaz o ministério para o qual foi vocacionado. A menos que se reconheça quem é Jesus e qual é a verdadeira missão do cristão em relação a ele, não será possível promover o Reino de Deus no meio desta geração que clama constantemente por boas novas que verdadeiramente possam mudar, de forma radical, sua existência. Essas boas novas referem-se a Jesus Senhor e Salvador da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E AVALIAÇÃO CRÍTICA

Uma vez encerrada a análise da perícopes de Marcos 1.1-11 na perspectiva do Método de Leitura Pragmática resta-nos apontar contribuições e limitações no uso deste instrumento interpretativo. De imediato podemos afirmar que é possível constatar a viabilidade de uso desse método no trabalho de interpretação de um texto bíblico.

O Método de Leitura Pragmática da Bíblia apresenta uma alternativa equilibrada para a leitura bíblica no contexto teológico católico romano marcado por posições extremadas que ora pendem para o Método Histórico-Crítico (leitura diacrônica) ora pendem para uma Análise da Narrativa (leitura sincrônica) em seus diferentes aspectos. A proposta deste método é louvável por defender a necessidade de se extrair dessas posições antagônicas elementos que sejam úteis para uma melhor compreensão do texto bíblico.

A contribuição que o Método de Leitura Pragmática deixa para o campo de interpretação bíblica no contexto católico romano encontra-se principalmente na ênfase que tal proposta dá à necessidade que o intérprete tem de, não apenas compreender o texto, nos aspectos históricos e literários, como também a de saber contextualizá-lo e aplicar sua mensagem para a atualidade. Esse último passo é denominado dimensão pragmática do texto.

Todavia, apesar da aparente inovação que esse instrumento de leitura bíblica representa para a Teologia Católica a partir da ênfase que se dá à tríplice dimensão de análise de um texto bíblico (análise sintático-gramatical, análise semântica e análise pragmática), o fato é que não há nada de novo no campo da exegese bíblica na proposta metodológica apresentada por Berges, a não ser o fato de que sua metodologia, com ênfase pastoral, está centrada no leitor em processo de leitura e interpretação do texto (ação comunicativa)¹⁰.

¹⁰ A esse respeito, Azevedo e Vieira (s.d, p. 33) afirmam o seguinte: “Ler, Comunicar e Agir compõem o horizonte que a compreensão da *‘Pragmática Linguística como método de Leitura da Bíblia’*. A leitura da Bíblia, na dinâmica da pragmática lingüística como método de interpretação do texto, possibilita a explicitação de sua força comunicativa enquanto provoca efeitos que geram atitudes, envolvimento e definição da própria conduta em nível pessoal, comunitário-ecclesial e sócio-político”

Dito de outro modo, seu método aponta, em última instância, para a seguinte questão: que tipo de *ação* ou *reação* a leitura do texto bíblico deve gerar no leitor? O texto, nessa perspectiva de interpretação torna-se uma “comunicação cristalizada entre o autor e seus leitores”¹¹ o que faz com que sua mensagem tenha significado e relevância tanto para o leitor da época em que o texto foi escrito quanto para o leitor da atualidade que acessa o texto.

Todavia, apesar da ênfase pragmática que se dá ao texto bíblico, o que, diga-se de passagem, é altamente positiva, a Bíblia continua sendo interpretada na mesma condição de qualquer outro livro literário e a razão permanece ainda como critério de avaliação interpretativa.

Na aplicação do Método de Leitura Pragmática da Bíblia percebemos a similaridade existente entre a estrutura e as propostas desse instrumento interpretativo em comparação com o Método Histórico-Gramatical¹² de interpretação bíblica, de cunho protestante, que não apenas propõe que se faça uma leitura exegética do texto levando em conta elementos histórico-culturais e lingüísticos, como também orienta o intérprete no sentido de proceder com a contextualização e aplicação da verdade bíblica para a atualidade¹³.

Berges desconhece, ou intencionalmente ignora, o Método Histórico-Gramatical possivelmente por causa da herança protestante que subjaz a tal método interpretativo. Pressupondo que ele desconheça o Método Histórico-Gramatical, uma leitura acompanhada de análise crítica desse instrumento certamente traria inúmeros benefícios e ampliaria sobremaneira seu modo de ler e interpretar as Sagradas Escrituras.

¹¹ O lugar do leitor no processo de abordagem ao texto é descrito por Lentzen-Deis (1998, p.10) nos seguintes termos: “Por leitores se entende todos aqueles a quem o autor se propunha alcançar com sua obra: certamente quem fazia parte da *situação comunicativa originária*, mas também de certo modo os leitores de hoje, que através da leitura e do ato de escutar recriam a situação comunicativa originária, convertendo o texto em uma instrução para sua própria ação”.

¹² Coelho (2014, p. 38) define esse método da seguinte maneira: “O Método Histórico-Gramatical refere-se ao sistema de interpretação da Bíblia procedente da Reforma Protestante do século XVI. Em termos práticos, é um estudo do texto bíblico à luz do contexto histórico em que foi escrito. Considera-se para isto, regras exegéticas da semântica e da gramática, comuns a qualquer texto literário, no contexto da situação do autor e dos leitores de seu tempo”.

¹³ Fee (2008, p. 319-338) utiliza a expressão “exegese homilética” para referir-se a essa análise e à necessidade de aplicação contextualizada da Bíblia.

Caso Berges tenha ignorado conscientemente esse método, sua postura ainda assim é compreensível, uma vez que o Método Histórico-Gramatical pressupõe a Bíblia como revelação objetiva de Deus¹⁴ e centro a partir do qual a verdade deve ser interpretada e aplicada.

Essa postura difere radicalmente da perspectiva teológica católico-romana. Nela, a Bíblia ocupa uma posição de autoridade secundária no que diz respeito à reflexão teológica e no direcionamento das doutrinas e práticas eclesiais uma vez que a autoridade da Igreja é suprema e é reconhecida como elemento definidor e determinante em questões de fé, teologia e praxiologia¹⁵.

O Método de Leitura Pragmática da Bíblia, apesar de suas limitações, e da similaridade com o Método Histórico-Gramatical, demonstrou ser um instrumento prático e útil no processo de interpretação bíblica, uma possibilidade de conjugar instrumentos de análise científica com uma perspectiva de aplicação pragmática ou pastoral das Escrituras.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

AZEVEDO, Walmor Oliveira de; VIEIRA, Gerald Dondici. **Ler, comunicar, agir.** A pragmática lingüística como método de leitura da Bíblia! Revista Rhema, 1, p. 33-41, s.d.

BERGES, Ulrich. **Lectura pragmática de 1 Sm 12.** Revista Teológica Limense XXV/3, p. 368-388, 1991.

_____. **La lingüística pragmática como método de la exégesis bíblica.** Revista Teológica Limense XXVII, p. 64-90, 1993.

¹⁴ Wegner (1998, p. 15) afirma que o Método Histórico-Gramatical pressupõe a inspiração plena e a inerrância da Bíblia.

¹⁵ Gerhard F. Hasel (2000) em um artigo intitulado “A inspiração divina e o canon da Bíblia” ao tratar sobre o escopo do cânon bíblico mostra a diferença de opinião entre protestantes e católicos no que diz respeito aos critérios para o reconhecimento dos livros que devem fazer parte da lista canônica do Antigo Testamento. Enquanto a tradição protestante defende a inspiração intrínseca do texto bíblico como elemento determinante para o reconhecimento da canonicidade de um livro, a tradição católica defende que a autoridade da Igreja é o fator determinante para a definição dos livros que devem ser considerados canônicos. Hasel (2000, p. 53) assevera que “Desde que o Concílio dos Padres [Concílio de Trento, realizado em 08 de abril de 1546, que determinou a posição de autoridade dos livros chamados deuterocanônicos: Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus, Eclesiástico (Siraque), Baruque, Sabedoria e acréscimos a Daniel e a Ester] decidiu o que é Escritura, torna-se óbvio que eles, e com eles a tradição anterior da igreja, permanecem acima da Escritura. Ao conceder aos livros escriturísticos seu status canônico, a autoridade da Igreja se coloca acima da autoridade da Escritura”.

- BÍBLIA SAGRADA.** São Paulo: SBB, 1993. Edição Revista e Atualizada (ARA).
- CARSON, D. A.; MOO Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento interpretado.** v. 1. São Paulo: Millenium, 1979.
- CHAMPLIN, Norman R.; BENTES, João. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia.** v. 1. Rio de Janeiro: Candeia, 1989.
- COELHO, Lázara Divina. **Os caminhos do método histórico-gramatical: uma perspectiva descritiva.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014.
- DELORME, J. **Leitura do Evangelho segundo Marcos.** São Paulo: Paulus, 1982.
- FEE, Gordon. Breve guia da exegese homilética in: STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2008.
- FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy. **O Novo Testamento grego analítico.** São Paulo: Vida Nova, 1987.
- GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento.** 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- HASEL, Gerhard F. **A inspiração divina e o canon da Bíblia.** Revista Teológica do SALT-IAENE, 4:2, (Jul-Dez), 2000.
- LENTZEN-DEIS, Fritzleo. **Comentario al evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización.** 2. ed. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998.
- MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho.** São Paulo: Vida Nova, 2007.
- JIMÉNEZ ROMERO, Juan Carlos. **Pertinencia del análisis pragmalingüístico en la teología bíblica latinoamericana.** Theologica Xaveriana, v. 182, p. 395-420, 2016.
- KERTELGE, Karl. A epifania de Jesus no Evangelho de Marcos. In: SHREINER, Josef; DAUTZENBERG Gerhard. **Forma e exigências do Novo Testamento.** São Paulo: Teológica, 2004.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Exodus, 1997.
- LASOR, William S. **Gramática sintática do grego do Novo Testamento.** São Paulo: Vida nova, 1986.
- MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 1983.
- MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 1999.
- PAROSCHI, Wilson. **Crítica textual do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1996.
- PAZ, César Mora. **Los métodos de analisis literário: el método pragmalingüístico,** Rhema, 10, 1997.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave lingüística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1985.

ROBERTSON, A. T. **Imagenes verbales em el Nuevo Testamento**. v. 1. Barcelona: CLIE, 1988.

SANTOS, Jeová Rodrigues dos. **Oração e liderança espiritual**. Goiânia: Editora Cruz, 2016.

SCHALKWIJK, Francisco L. **Coinê: pequena gramática do grego neotestamentário**. 8. ed. Patrocínio: CEIBEL, 1979.

SCHNIEWIND, Julius. **O Evangelho Segundo Marcos**. São Bento do Sul: Unida Cristã, 1989.

TAYLOR, William C. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

THE ANALYTICAL GREEK LEXICON. Grand Rapids: Zondervan, 1970.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.